

Este assunto conduz-me naturalmente a falar dos príncipes que traficam com o sangue de seus povos, em infame negócio. As suas tropas pertencem a quem mais ofereça; trata-se de uma espécie de leilão onde aquêles que ofereçam subsídios mais elevados conduzem ao matadouro os soldados desses indignos soberanos. Tais príncipes deveriam corar da covardia pela qual vendem a vida dos homens que deveriam proteger como pais dos povos; esses pequenos tiranos deveriam ouvir a voz da humanidade, que detesta o cruel abuso que fazem do seu poder, e que por isso mesmo os julga indignos de uma mais alta fortuna e das coroas que não têm.

Expliquei-me suficientemente no capítulo vinte e um sobre as guerras de religião; acrescento, ainda, que deve um soberano fazer o que possa as evitar, ou, pelo menos, que deve mudar prudentemente o estado da questão, pois que, assim, lhe diminuirá o veneno, o encarniçamento e a crueldade, que foram, em todos os tempos, inseparáveis das que-relas de partido e dos conflitos religiosos. Não se chegaria nunca, aliás, a condenar suficientemente aqueles que, por um abuso criminoso, se servem, em tudo o que fazem, dos termos da justiça e da equidade, e que, por impiedade sacrílega, fazem do Ser Supremo o escudo da sua ambição abominável. É necessária uma perversidade infinita para enganar o público com pretextos tão pouco ponderosos, e os príncipes deveriam ser assaz econômicos com o sangue dos povos para não prodigar a vida de seus soldados, com fazer um mau uso do seu valor.

A guerra é tão fecunda em infelicidade, o seu desfecho é tão incerto, e as conseqüências tão ruinosas para um país, que os soberanos nunca refletirão bastante antes de a empreender. Não falo da injustiça e das violências que cometem para com os vizinhos, mas limito-me às desventuras que recaem diretamente sobre os súditos.

Estou convencido de que se os reis e os monarcas vissem a nu o quadro das misérias populares, não seriam insensíveis a elas. Mas não têm a imaginação bastante viva para se representarem ao natural os males de que estão a coberto pela condição régia. Seria necessário pôr diante dos olhos de um soberano que o fogo da ambição impele à guerra, todas as funestas conseqüências que esta tem para os súditos: esses impostos que sobrecarregam os povos, os recrutamentos que incluem toda a juventude do país, as doenças contagiosas dos exércitos, onde de misé-

ria morrem tantos homens, os assédios mortíferos, as batalhas ainda mais cruéis, os feridos aos quais a perda de alguns membros priva dos únicos instrumentos da subsistência própria, e os órfãos a quem o ferro inimigo arrebatou aqueles que afrontavam os perigos e vendiam ao príncipe o seu sangue, os seus alimentos e o seu amparo; tantos homens úteis ao Estado, ceifados antes do tempo! Nunca houve tirano que a sangue-frio cometesse tais crueldades. Os príncipes que fazem guerras injustas são mais cruéis do que eles. Sacrificam ao ímpeto das suas paixões a felicidade, a saúde e a vida de uma infinidade de homens que seria seu dever proteger e fazer felizes, em lugar de os expor tão ligeiramente a tudo o que a humanidade mais tem de temer. É, então, certo que os árbitros do mundo nunca serão demasiado prudentes e circunspectos nas suas diligências, e que nunca serão suficientemente avessos da vida dos súditos, que não devem olhar como seus escravos, mas sim como seus iguais, e de algum modo como seus mestres.

Rogo aos soberanos, ao terminar esta obra, que se não ofendam com a liberdade com que lhes falo; é meu fim o de prestar homenagem sincera à verdade, e não o de lisonjear quem quer que seja. O bom conceito que tenho dos príncipes que reinam presentemente no mundo faz-me julgá-los dignos de ouvir a verdade. Pertence aos Tibérios; aos Bórgias, aos monstros, aos tiranos, dissimulá-la, pois que contrastaria demasiado diretamente com os seus crimes e perversidade. Graças ao céu, não contamos nenhum monstro entre os soberanos da Europa; mas sabemos, como eles, que ninguém está acima das fraquezas humanas; e é traçar o seu mais belo elogio dizer que se ousa atrevidamente diante deles repreender todos os crimes dos reis, e tudo o que é contrário à justiça e aos sentimentos da humanidade.